



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

IMAGENS DE LEITURA E DE LEITORES EM OBRAS DE JOSÉ LINS DO REGO NO PNBE

Luciano Serafim da Silva¹; Célia Regina Delácio Fernandes²

UFGD-FACALE, C. Postal 533, CEP 79804-970 - Dourados-MS. ¹ Bolsista PIBIC/CNPq. lucianoserafim2@gmail.com; ² Professora Adjunta II da FACALE/UFGD. celwal@terra.com.br

RESUMO

Neste artigo, realizamos um breve estudo sobre algumas imagens de leitura e de leitores em três obras de José Lins do Rêgo (1901-1957): *Menino de engenho* (romance, 1932) e *Doidinho* (romance, 1933), selecionadas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE nos anos de 1998 e 1999 respectivamente, cotejando-as com a sua autobiografia, *Meus verdes anos* (1956). Visamos, assim, compreender como o escritor apresenta a relação dos personagens com a leitura, numa sociedade em que a maioria da população era analfabeta.

PALAVRAS-CHAVE: José Lins do Rego; Leitura; PNBE.

INTRODUÇÃO

Embora o enfoque do nosso estudo não seja sociológico, e sim literário, à medida que líamos os livros que compõem o nosso *corpus*, percebemos que as práticas de leitura e os leitores descritas nessas obras do escritor José Lins do Rego se coadunam, em partes, com o conceito de *representações* elaborado por Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma

autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social — como julgou uma história de vistas demasiado curtas —, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p.17).

Acreditamos que este conceito aplica-se à representação feita por José Lins do Rego primeiro porque o narrador dos livros — romances e autobiografia — é um homem adulto que, ao contar a sua vida, especialmente o período da sua formação, acaba por realizar uma análise da sociedade em que viveu; se não *impondo*, ao menos *retratando* “a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”. Segundo, porque a própria biografia do autor, como leremos a seguir, ofereceu-lhe uma condição social privilegiada para empreender tal análise.

Com relação à leitura, nos livros aqui estudados, ficaram nítidas duas maneiras principais como é representada: ora como dádiva e ora como castigo. Dádiva quando representa informação, seja por meio de livros didáticos, notícias em jornais ou cartas de família; e, posteriormente, refúgio, trazendo o conforto de uma boa história. Castigo, quando surge como obrigação para os alunos, sendo feita muitas vezes sob coação e até castigos físicos, como a palmatória.

A representação dos leitores, e mais especificamente os narradores — Carlos de Melo nos romances; José Lins do Rego na autobiografia —, surge numa curva dramática ascendente: passam do analfabetismo à condição de plenos leitores e escritores. Os demais personagens leitores aparecem de forma a pontuar a narrativa com informações e histórias.

São muitas as passagens sobre livros, cartas, jornais e também revistas eróticas, que compõem o seu acervo de leitores iniciantes, primeiramente massacrados e aos poucos deslumbrados dos narradores.

Iniciamos nosso estudo tentando traçar um perfil sobre a história de vida e a bibliografia do escritor José Lins do Rego.

Para evitar repetições, ao invés de fazermos sinopses dos romances e da autobiografia, optamos por contar o enredo do filme enquanto realizamos a análise dos nossos objetos de estudo — representações de leitura e de leitores.

1. JOSÉ LINS DO REGO: BREVE RESUMO BIOBIBLIOGRÁFICO

Após ter lido os romances e a autobiografia do escritor José Lins do Rego, torna-se uma tarefa difícil traçar um perfil dele sem confundir os fatos de sua vida com a trajetória de alguns personagens.

José Lins do Rego nasceu em uma família proprietária de engenho de açúcar, no dia 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, em Pilar, cidade a 56 km da capital João Pessoa. Filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia Rego Cavalcanti, ficou órfão muito cedo e passou a viver com o avô materno, José Lins Cavalcanti de Albuquerque, dono do engenho Corredor, aos cuidados da sua tia Maria. Desse convívio, retirou substratos seu livro de estreia, *Menino de engenho*, publicado em 1932 — e também, podemos afirmar, para toda a sua obra ficcional.

Em 1909, aos oito anos de idade, o jovem Dedé, como era chamado, foi enviado ao colégio interno, o Internato Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana (PB). Três anos mais tarde, foi transferido para o Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa, onde permaneceu até 1915, quando se mudou para o Recife, cidade na qual estudou no Instituto Carneiro Leão e no Ginásio Pernambucano. Em 1919 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, então uma das mais conceituadas do país, reduto de intelectuais como José Américo de Almeida (autor *A bagaceira*) e Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*), de quem se tornou amigo. Esses períodos escolares são retratados com vivas cores em *Doidinho* (1933) e *Bangüê* (1934), completando assim a trilogia sobre o personagem Carlinhos (seu alter ego).

Em 1924, casou com Filomena Massa (Naná), filha de um senador. O casal teve três filhas: Maria Elisabeth, Maria da Glória e Maria Cristina. Em 1925 foi nomeado promotor público e por um ano exerceu o cargo em Manhuaçu (MG), desistindo de fazer carreira na magistratura. Foi trabalhar como fiscal de bancos em Maceió (AL), onde travou amizade com Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), Jorge de Lima (*Essa Nega Fulô*), Rachel de Queiroz (*O Quinze*) e Aurélio Buarque de Holanda. Na capital alagoana escreveu e publicou seus dois primeiros romances, aclamados pela crítica como um sopro de novidade na literatura brasileira. Em 1935, transferiu-se em

definitivo para o Rio de Janeiro, onde nos anos seguintes escreve sua obra literária enquanto exerce cargos diplomáticos e torce fervorosamente pelo Flamengo, time de futebol, paixão que foi tema do seu livro *Água-Mãe* (1941).

Aos três romances sobre Carlos de Melo, seguiram-se *Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), formando assim o que o próprio autor denominou Ciclo da Cana-de-Açúcar, conjunto de livros que retratam o apogeu e a derrocada dessa oligarquia no Nordeste, tema ao qual retornou naquela que é considerada sua obra-prima, *Fogo morto* (1943). Antes, porém, publicou *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-Mãe* (Prêmio da Fundação Felipe de Oliveira) e *Eurídice* (1947, Prêmio Fábio Prado), além de alguns volumes de conferências, crônicas, ensaios e reportagens: *Gordos e magros* (1942); *Poesia e vida* (1942); *Pedro Américo* (1943, conferência); *Conferências no Prata - Tendências do romance brasileiro, Raul Pompéia e Machado de Assis* (1946, conferência) *Bota de sete léguas* (1951, viagem); *Homens, seres e coisas* (1952); *A casa e o homem* (1954); *Roteiro de Israel* (1955, viagem); *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (1957); *Gregos e troianos* (1957, viagem); *O vulcão e a fonte* (1958, póstuma) e as já citadas *Histórias da velha Totônia* (infanto-juvenil, 1936) e a autobiografia *Meus verdes anos*.

2. DÁDIVA E CASTIGO: REPRESENTAÇÕES DE LEITURA

2.1 *Menino de engenho* (1932)

Duas das obras que ora analisamos compõem, com *Banguê* (1934), uma trilogia que tem o jovem Carlos de Melo como personagem principal e integram o conjunto de romances denominado “Ciclo da Cana de Açúcar”, nos quais José Lins do Rego traça um extenso e denso panorama da oligarquia dos engenhos de açúcar da Paraíba no final de século XIX e início do século XX.

Lançado em 1932, *Menino de engenho*, o primeiro deles, conta a infância de Carlinhos, que após a morte da mãe vai viver no Engenho Santa Rosa, de propriedade do seu avô materno, o velho José Paulino. Lá, enquanto cresce, deslumbra-se com as histórias da família e dos moradores agregados.

Neste romance, as imagens de leitura surgem quando os personagens leem jornais, cartas e até revistas eróticas. O ato de ler é um complemento ao boca a boca

diário, pois se lê jornal e carta para saber de notícias “oficiais”, que não estão “na boca do povo” ou uma versão “oficializada” de fatos.

Após a morte da mãe, assassinada pelo marido, Carlinhos é surpreendido ao perceber que a tragédia familiar está exposta no jornal:

À tarde o criado leu para a gente da cozinha os jornais com os retratos grandes de minha mãe e de meu pai. Ouvi como se aquilo fosse uma história de Trancoso. Pareciam-me tão longe, já, os fatos da manhã, que aquela narrativa me interessava como se não fossem os meus pais os protagonistas. Mas logo que vi na página de um dos jornais a minha mãe, estendida, com os cabelos soltos e a boca aberta, caí num choro convulso (REGO, 2007, p. 34).

O seu destino fora cruel: morrer como morreu, vítima de excesso de cólera do homem que tanto amara; e depois, cheia de pudor e de recato, a encher as folhas de sensação, com o seu retrato, com histórias mentirosas da sua vida íntima (REGO, 2007, p. 38)..

A forma trágica como o ato de ler aparece pela primeira vez na obra contrasta com o momento lúdico e feliz que o narrador revela, parágrafos depois. É a lembrança de quando seus pais buscavam despertar-lhe o gosto pela leitura e por histórias:

Ainda me lembro de meu pai. Era um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto. Sempre que estava comigo, era a beijar-me, a contar-me histórias, a fazer-me as vontades. Tudo dele era para mim. Eu mexia nos seus livros, sujava as suas roupas, e meu pai não se importava (REGO, 2007, p. 35).

É interessante notar como os livros, enquanto objetos, são tratados de forma reverente. Eram especiais, mas ainda assim o pai de Carlinhos não se importava que o garoto “mexesse” neles — um privilégio, decerto, para poucos. Isto marca-o para sempre, pois ao longo da vida, essas imagens se tornam recorrentes e o interesse dele por histórias de todos os tipos cresce, fazendo dele um menino curioso, que está sempre em busca de mais e mais histórias.

Essa trajetória, no entanto, é muito árdua. Antes de se tornar um leitor pleno e, conseqüentemente, também contador de histórias, uma das principais angústias de Carlinhos é a alfabetização. Ele tem muita dificuldade para “desasnar” (deixar de ser um asno), como se diz comumente no Nordeste até os dias de hoje. Nesse processo, os momentos iniciais de leitura são excruciantes para o menino, que preferia estar correndo no eito com os outros moleques do engenho:

Com a morte de Lili, a tia Maria ficou toda em cuidados comigo. Proibiu-me a liberdade que eu andava gozando como um libertino. Passava o dia a ensinar-me as letras. Os meus primos, esses, ninguém podia com eles.

Ficava horas a fio sentado na sala de costura, com a carta de á-bê-cê na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras não me entravam na cabeça.

— Nunca vi um menino tão rude — dizia asperamente a velha Sinhazinha.

A tia Maria, porém, não desanimava, continuando com afinco a martelar a minha desatenção.

As conversas das costureiras começavam então a me prender. Elas trabalhavam mantendo uma palestra que não parava. Falavam sempre de outros engenhos, onde estiveram no mesmo serviço, contando das intimidades das famílias.

— No Santarém ninguém come — dizia uma —, é Bacalhau no almoço e no jantar.

A outra contava que o senhor do engenho de Poço Fundo tinha mais de vinte mulheres. Esta conversa me tomava inteiramente, e as letras, que a solicitude de minha tia procurava enfiar pela minha cabeça, não tinham jeito de vencer tal aversão. O que eu queria era a liberdade de meus primos, agora que as arribaças, com a seca do sertão, estavam a descendo em revoada para os bebedouros (REGO, 2007, pp.46-47).

Em outras passagens, os momentos de leitura fazem com que Carlinhos trace um paralelo com a sua vida:

Depois, no colégio, quando no *Gênio do Cristianismo*, eu lia uns versos falando dos pássaros da Bretanha, que fugiam do Inverno da sua pátria, vinha-me a saudade das pobres rolas sertanejas que trucidávamos (REGO, 2007, pp.47-48).

Sem sucesso na tentativa de ensino “caseiro” realizada pela tia Maria, decidem enviar Carlinhos para a primeira escola. A história pessoal da primeira professora dele assemelha-se à de sua mãe, sofrendo com os achaques de maridos ciumentos.

Botaram-me para aprender as primeiras letras, em casa dum dr. Figueiredo, que viera da capital passar um tempo na vila do Pilar. Pela primeira vez eu ia ficar com gente estranha um dia inteiro.

Fui ali recebido com os agrados e as condescendências que reservavam para o neto do prefeito da terra. Tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chegava, que me fazia as vontades: chamava-se Judite. Gostava dela de forma diferente da que sentia pela minha tia Maria. Ela sempre que

me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido. E o dr. Figueiredo não parava no lugar. Só ficava quieto a ler os jornais e os livros, que tinha muitos pela mesa. A mulher era quem me ensinava, quem tomava conta de mim. Uma vez a vi chorar, com os olhos vermelhos e o dr. Figueiredo sair de casa batendo a porta. E doutra, enquanto eu ficava sozinho na sala com a minha carta na mão, ouvi no interior da casa um ruído de pancadas e uns gritos de quem estivesse apanhando. Compreendi então que a minha bela Judite apanhava do marido. Tive mesmo o ímpeto de correr para a rua e chamar o povo para acudi-la. Mas fiquei quieto na cadeira, escutando-lhe os soluços abafados. Mais tarde ela chegou para me ensinar, e abraçou-me e beijou-me como nunca. Fiquei a pensar no que sofria a minha amiga, na convivência daquele homem magro e alto. E o meu coração sentiu-se cheio de uma afeição estranha pela sua mulher. Era tão terna para mim, me punha no colo para me agradar, para dizer que queria um bem de mãe. Eu sentia o seu sofrimento como se fosse o meu.

Foi ali com ela, sentindo o cheiro dos seus cabelos pretos e a boa carícia das suas mãos morenas, que aprendi as letras do alfabeto. Sonhava com ela de noite, e não gostava dos domingos porque ia ficar longe dos seus beijos e abraços (REGO, 2007, pp.62-63).

Nesse trecho, o narrador relega a questão do ensino a segundo plano. A primeira professora é retratada de modo romântico e até certo ponto *sexual*. Hoje em dia, ela poderia até ser acusada de pedofilia. Mas, por se tratar de um narrador masculino, certamente a professora e seus afagos sejam “pintados” com tintas mais vibrantes do que na “realidade”.

Vejamos como isso se contrapõe ao primeiro professor homem surgido no livro:

Depois mandaram-me para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do coronel Zé Paulino”. Os outros meninos sentavam-se em caixotes de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava mandavam que desse nos meus competidores. Eu sentia-me bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não me tinham raiva. Muitos deles eram de moradores do engenho. Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e trazia da escola (REGO, 2007, p.63).

Aí surge a figura do professor que impõe a aprendizagem, ou seja, a leitura, como um castigo.

O Coronel José Paulino, avô de Carlinhos, utiliza o jornal como meio de se informar dos fatos “oficiais” da capital, uma vez que é político influente na região do Pilar, município onde fica o engenho Santa Rosa:

Depois do jantar o meu avô sentava-se numa cadeira perto do grande banco de madeira do alpendre. O gado não havia chegado do pastoreador. Lia os telegramas do *Diário de Pernambuco* ou dava as suas audiências públicas aos moradores. Era gente que vinha pedir ou enredar. Chegavam sempre de chapéu na mão com um "Deus guarde a Vossa Senhoria". Queriam terras para botar roçados, lugar para fazer casas, remédio para os meninos, carta para deixar gente no hospital. Alguns vinham fazer queixa dos vizinhos (REGO, 2007, p. 88).

Na medida em que vai entrando na puberdade, Carlinhos passa a se interessar por sexo e após tentar “se servir” das cabritas nos quintais, chega a ter as primeiras experiências com algumas moças, criadas da casa-grande. Nesse período de sua vida, uma novidade guardada pelo seu tio o instiga de maneira especial:

O quarto do meu tio Juca vivia trancado de chave o dia inteiro. Ali só entrava a negra que lhe fazia limpeza e mudava as roupas da cama. Mas quando aos domingos descansava na sua grande rede do Ceará, de varandas arrastando no chão, eu ia ter com ele. O meu tio me punha ao seu lado, fazia brincadeiras comigo. Era o único sobrinho com quem se dava de intimidade. Ele tinha muita coisa para me mostrar: os seus álbuns de fotografias, os seus livros de muitas gravuras, o *Malho*, que assinava, cheio de gente de cara virada pelo avesso. Lia as histórias todas do *Malho*, com retratos dos políticos e com um *Zé-Povo* que tinha resposta para tudo.

— Ali não bula — me dizia, quando eu tocava por acaso num pacote embrulhado em cima da cômoda.

Num dia em que ele me deixou sozinho, corri sôfrego para o objeto da proibição; uma coleção de mulheres nuas, de postais em todas as posições da obscenidade. Não sei para que meu tio guardava aquela nojenta exposição de porcarias. Sempre que sucedia ficar sem ele no quarto, era para os postais imundos que me botava. Sentia uma atração irresistível por aquelas figuras descaradas de meu tio Juca.

Uma vez em que ele se demorou mais tempo, por não sei onde, entretive-me com as gravuras muito tempo. O meu tio pegou-me de surpresa com o pacote na mão. Botou-me para fora do seu quarto. Eu não era digno da sua intimidade, dos segredos de sua alcova. Mas ficava-me de seus aposentos uma saudade ruim daquelas mulheres e daqueles homens indecentes (REGO, 2007, pp.110-111).

O romance *Menino de engenho* chega ao fim com a partida de Carlinhos rumo ao colégio interno: termina o romance, nessa expectativa (p.149):

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho (REGO, 2007, p.149).

2.2 Doidinho (1933)

Mas a história de Carlinhos não termina ali. O segundo romance de José Lins do Rego, *Doidinho* (1933), dá continuidade às agruras do moleque, só que agora o foco é a sua vida escolar, no colégio interno Instituto Nossa Senhora do Carmo, onde recebe dos colegas o apelido que intitula o romance, numa alusão à sua rebeldia. Se no livro anterior o narrador rememorava os fatos, neste acrescenta mais ação, a trama é mais imediatista.

Também neste romance, a leitura surge de duas maneiras bem díspares: ora como castigo, realizada sob coação do professor Maciel e ameaças de palmatórias; ora como um alento (uma dádiva) para o narrador. Castigo, quando ele é obrigado a ler em voz alta nas aulas do rigorosíssimo professor Maciel, sendo punido com a palmatória se cometesse qualquer deslize. Alento, porque, se em *Menino de engenho* são as histórias contadas pelas pessoas que amenizam as angústias e aguçam a sua curiosidade juvenil, agora Carlinhos descobre esse aconchego e interesse nas páginas dos livros, depois que finalmente aprende a ler.

Esses momentos de prazer e tortura referentes à leitura se alternam no decorrer da narrativa.

Os métodos de ensino nada ortodoxos do professor Maciel deixa Carlinhos e os colegas apavorados, pois ao menor erro eram severamente castigado com a palmatória ou ridicularizados diante de toda a turma.

Quando ouvi — Senhor Carlos de Melo! — foi como se me chamassem para uma surra. Levantei-me tremendo.

— Sente-se aqui! Leia sua lição.

Fui lendo sem saber o quê. “Júlia, a boa mãe”. Mas truncava tudo, pulando as linhas.

— É o cúmulo — gritava o velho — deixar-se um menino deste tamanho sem saber nada. Só bicho se cria assim. Por que está o senhor chorando? Volte para o seu canto. Mais tarde vou-lhe tomar a lição outra vez.

Voltei não vendo ninguém na frente. Sentei-me, e pingavam em cima de “Júlia, a boa mãe” as minhas lágrimas compridas. Iniciava assim o meu curso doloroso contra a ignorância (REGO, 2000, p.37).

Com o livro entre as pernas, lia a minha lição palavra por palavra. Era a história de uma mãe que queria divertir o seu filho. Havia um gato e um novelo de linha. A figura mostrava o menino gordinho numa cadeira alta e a mãe brincando com o gato. Tudo aquilo para que o filho sorrisse. Não sei por que, achava aquela Júlia parecida com a minha mãe. Esta deveria fazer o mesmo comigo; tudo daria também para que o seu filho sorrisse (REGO, 2000, p.38).

De tarde fui dar minha lição. Levava o coração aos saltos, como nas noites em que acordava com o quarto às escuras. Muitas vezes a velha Sinhazinha me deixava esta impressão de pavor. Com a velha, porém, havia jeito de fugir às suas iras. Aqui mudava muito para pior. Errei a lição toda. Sabia quase que decorada a história de 'Júlia, a boa mãe'. O medo, no entanto, fazia a minha memória correr demais; e saltava as linhas.

— Leia devagar. Para que esta pressa?

Foi pior. A língua não me ajudava. Quando vi foi ele com a palmatória na mão.

— Levante-se.

Não soube mais o que fiz. Senti as mãos como se estivesse com um formigueiro em cada uma. Como o Chico Vergara, apanhava no meu primeiro dia de aula (REGO, 2000, p.39).

Carlinhos só se sente seguro em aprender sob a orientação da dona Emília, esposa do professor Maciel:

Antes do jantar, d. Emília me veio tomar a lição. Dei-lhe certinha, sem um erro, do começo ao fim.

— Por que você não leu assim para o Maciel?

E depois:

— Vá lavar o rosto para jantar. Fazem do Maciel um bicho.

E quando passei pela sala de jantar, lá estava ele espichado na cadeira preguiçosa, com os olhos fechados e os ouvidos abertos às conversas dos meninos no alpendre (REGO, 2000, p.39).

Apesar do estranhamento que sente pela professora Emília, com ela Carlinhos ainda fica calmo para aprender. É como se o autor mostrasse que a mulher é mais paciente para ensinar.

Aos poucos, ao longo do livro, Carlinhos vai tomando contato com a leitura e outras histórias começam a despertar seu interesse. Além dos livros de lições, outros são citados, como *Coração* (do italiano Edmund De Amicis).

O mundo crescia para mim. Tinha cinco partes. Era mais alguma coisa que o Santa Rosa e o colégio do professor Maciel. Havia um certo encanto na virgindade da minha ignorância, ao tempo em que ia aos poucos sabendo de coisas que me pareciam absurdas. O Sol era maior do que a Terra. E a Terra era que andava em torno dele. As estrelas brilhavam também de dia. Os livros afirmavam estas verdades, mas acreditar nelas custava muito à minha compreensão limitada das coisas. Via a Lua correndo no céu; o Sol nascia num canto e se punha noutra. E por mais que a geografia contasse as suas histórias, e os globos terrestres girassem em cima da mesa, ficava acreditando mesmo no que estava vendo com os meus próprios olhos.

— Quando o senhor melhorar a letra, passará a fazer descrições — me disse um dia o diretor.

Seria para mim uma vitória abandonar aqueles cadernos amarelos. Mas o meu grande ideal de aluno estava no *Coração*. A luta de Stardi com Franci, o Tamborzinho sardo, o pequeno escrevente florentino, Henrique e o pai dele, que um dia ficou ruim de finanças e falou em cortar as despesas de casa, o filho do pedreiro, de cara de lebre, Garroni, o gigante bom, um que era burro mas estudava muito, a brincadeira dos meninos com neve — tudo me parecia passagens de um romance admirável. E como era diferente a escola de lá da do professor Maciel! Distribuíam prêmios, os professores falavam manso, não existiam palmatórias. O nosso colégio não se parecia com as escolas da Itália. Ficava às vezes de castigo, acompanhando a leitura dos outros. Lá vinha a viagem de um menino que saiu pela América atrás da mãe doente, e andou sozinho por florestas intermináveis. E o naufrágio onde Marcos morreu para salvar uma mocinha. O navio afundava-se, e só se via o rapaz acenando com a mão. E depois: Eu amo a Itália porque meu pai é italiano, que Olívio lia em tom de discurso.

— Deixe de exagero — gritava o seu Maciel.

Todo esse livro delicioso me chamava para as suas páginas. Um dia veio um italiano ao colégio para podar umas parreiras. Fiquei com ele para saber se conhecia Coretti da rua tal, que nem me lembro mais o nome. Sim, ele conhecia um Coretti, mas de outra rua. Talvez que o do livro se tivesse mudado, pensava comigo. A *Seleção clássica* era cheia de discursos, de versos. Mas o *Coração* estremecia a nossa sensibilidade de meninos, nos interessava naqueles conflitos que eram os nossos. Este livro de tanto amor à Itália me fez amar aos que eu não conhecia, aos estranhos, aos meninos sujos porque não tinham roupas limpas, aos heróis dos contos. A minha infância sem Júlio Verne e sem soldados de chumbo imaginou os seus heróis como eram os do *Coração*, os seus grandes homens, os que morriam pela pátria e os que davam a vida pelos pais (REGO, 2000, pp.66-67).

Nas primeiras férias em que retorna ao engenho Santa Rosa, Carlinhos se sente diferente. Parece que é a maneira que o autor encontrou de demonstrar uma certa “valoração” dos estudos:

Pus-me logo de pés no chão, como quem quisesse sentir de mais perto a boa terra que pisava. Iria dormir no quarto do tio Juca.

— Você agora é estudante.

Mas os moleques rondavam-me para me dar contas de suas novidades. Coitados! Em seis meses tinha-me elevado acima deles não sei quanto. Era, no entanto, para eles o mesmo Carlinhos, o camarada para tudo que eles quisessem.

Saímos para ver o Santa Rosa, naquela tarde de junho cheia de tanajuras. Com os pés na lama, correndo por baixo das goiabeiras da horta, recuperava em um instante a meninice, a que o velho Maciel tapara a boca no colégio. Abandonei o povo de casa pelo reconhecimento do meu reino abandonado. Fomos à beira do rio, com as águas vermelhas da última cheia. O choro dos sapos nas profundezas era o mesmo dos outros tempos. Cantavam, no diapasão de sempre, as mesmas cantigas de enterro. Não era a música para um liberto aquele cantochão dos sapos do Santa Rosa! (REGO, 2000, p. 150).

Chegava outro com a lata de creolina para matar as varejeiras de um boi amarrado no mourão. O bicho sacudia as patas para trás. Um menino mais moço do que eu catucando os tapurus da bicheira. Havia disto no Santa Rosa: gente muito mais infeliz que o Focinho de Lebre do *Coração*, o mais pobre da aula, o que ia com o paletó melado de calça do pai para a escola. Os livros começavam a me ensinar a ter pena dos pobres.

Voltei para a casa-grande com a satisfação de haver entrado na posse dos meus domínios. A mesa de jantar do Santa Rosa era dantes uma coisa grande para mim, estirada no meio da sala para que houvesse lugar para todos. Via-a nos dias de festa ainda maior. E no entanto agora não me parecia tão grande ali na sala de jantar iluminada com a lâmpada de luz branca de álcool. As coisas do mundo estavam reduzindo as minhas admirações de menino.

O povo na casa-grande se mostrava em cerimônia para o chegada de novo (REGO, 2000, pp.151-152).

Estas passagens demonstram como o personagem que a escola o transformou, como ele “evoluiu” em relação aos seus amigos. E mostra que ele já começa a tecer outras comparações mediante as leituras que já tem. Na condição de estudante, ele passa a dormir no quarto do tio Juca, uma espécie de rito de passagem: ele não mais apenas um moleque. A maneira todos passam a tratá-lo mostra o respeito que se tinha pela escola, pelos estudos.

Até a velha Sinhazinha, sempre ríspida com todos, passa a tratá-lo melhor, como vemos na pág. 153:

A velha Sinhazinha, debaixo da luz branca, criava outra cara, era bem outra. O terror do velho Maciel me ensinara que o governo da velha não seria o mais cruel deste mundo.

O garoto se transforma depois das leituras realizadas: tece novas comparações, analisa de outra forma os fatos e as pessoas que o cercam.

A literatura começava a me seduzir com ares assim de deboche. Era o primeiro livro que lia do começo ao fim por gosto, sem a obrigação da lição. E me empolgou a leitura de tal forma, que me confundia com os desejos libertinos da história. Tio Juca passava o dia inteiro por fora. Vinha para o almoço, e voltava para o serviço até de noite.
— Você anda lendo os meus livros, hein?
E não brigou comigo (REGO, 2000, p.161).

Em *Doidinho*, com relação à leitura, pudemos notar um dado marcante, que representa muito do pensamento comum: quem “tem leitura” (ou é alfabetizado) confere à pessoa uma certa superioridade, é tratado com distinção.

Percebemos também o quanto é difícil ser alfabetizado em condições de terror impostas pelos métodos do professor Maciel, mas em “compensação” é bela a maneira como a personagem Carlinhos se transforma depois das leituras realizadas: tece novas comparações, analisa de outra forma os fatos e as pessoas que o cercam.

2.3 *Meus verdes anos* (1956)

Sobre a autobiografia de José Lins do Rego, *Meus verdes anos*, publicada em 1956, meses antes da morte de José Lins do Rego, Edilberto Coutinho indaga no texto da orelha: “Ficção ou não?”. E após algumas considerações, finaliza: “*Meus verdes anos* é porta de entrada para se entender os borrados limites entre testemunho e ficção na obra de Zélin”. Assim, buscaremos confrontar com ela as narrativas ficcionais.

Impossível não afirmar que uma sinopse destas memórias é muito similar à do seu primeiro romance *Menino de engenho* (1932), com poucas mudanças de nome de pessoas e personagens.

Meus verdes anos abarca a infância e pré-adolescência do escritor paraibano. O jovem Dedé (apelido de José Lins do Rego) é criado no engenho Corredor, de propriedade do seu avô José Lins, o velho Bubu, após o falecimento da mãe, que morreu em decorrência de complicações em um parto. A princípio sob os cuidados da tia Maria e depois da tia Naninha, longe do pai João do Rego, o menino asmático entra em contato com os moradores do engenho e a gente do eito, com senhores de engenho e suas famílias, sempre com ouvidos atentos às conversas alheias.

Dentre diversas referências a leituras e leitores, o autor dedica um capítulo ao tema do analfabetismo entre os seus familiares mais próximos e do hábito de leitura de uma parente distante:

A política para o meu avô não tinha importância. Votara todo o tempo nos conservadores, e isto lhe bastava. O Pilar era seu. As suas terras cercavam a vila por todos os lados, e ele nunca procurou mandar, como fizera Quinca Napoleão. [...] Nunca lera um livro em toda a sua vida. Mas era como se tivesse um código na cabeça. Escrevia cartas numa letra de capricho toda cheia de abreviaturas. Tinha amigos letrados. O maior de sua vida fora o dr. Gouveia, homem de importância que chegara a presidente de província e viera advogar no Pilar, na República. O que Gouveia dissesse ele fazia sem susto de erro. E quando o amigo se foi para um cargo importante, mandou ao meu avô os móveis e um cavalo branco de bom esquipar que passaria a se chamar Gouveia. “Sele o Gouveia.” Saía pelas suas terras num passo mansinho de um baixo de rede. Das estantes fizeram aparadores para pratos. Não existiam livros no Corredor. Apenas chegavam maços de jornais do Rio de Janeiro, e sobre a mesa do santuário guardavam a Bíblia com estampas. Não era para ler aquele livro de capa vermelha. Seria, como os santos, um objeto sagrado. E nem o meu avô tinha necessidade de leituras. Apareciam as folhinhas Bristol com as fases da lua e das marés. Se havia dúvida sobre urna lua cheia, procurava-se a folhinha de capa amarela. Mas quando aparecia a tia Marocas do Gameleira, os livros tomavam conta das tias Maria e Naninha. A tia Marocas se educara em colégio do Recife. E podia falar de muita coisa. O fim do mundo para ela não existia. Toda aquela história não passava de conversa de jornal. E nos punha a aprender a ler nas letras grandes dos títulos do *Diário de Pernambuco* e da *Província*. [...] Chegava a noite e tia Marocas me punha ao lado do moleque Ricardo para decifrar as letras gordas dos jornais. As primas do Maravalha falavam dos poetas, dos crimes de amor, das criaturas que morriam do peito de tanto sofrer pelas mulheres ingratas. E possuíam álbuns com letras caprichadas. E cantavam modinhas que eram cortes no coração, tristezas que se embalavam nas cordas do pinho. No Corredor não haveria imagem nenhuma de poesia (REGO, 1997, pp. 47-48).

O autor revela as suas dificuldades para aprender as primeiras letras e para se concentrar, algo que hoje poderia ser diagnosticar como TDA/H – Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade.

É importante perceber também o quanto a expectativa exacerbada e as cobranças familiares, combinado aos métodos incorretos de alguns professores, agravavam o problema.

Todos em casa estavam seguros da minha burrice. Nada aprendera na aula de Donzinha e João Cabral. Por isto, pelas manhãs, a tia Naninha

me obrigava a estudar. Vinha ela mesma me forçar a ligar as sílabas, a somar quantidades. Tudo me parecia difícilíssimo. As letras boiavam nos meus olhos banhados de lágrimas, pois a tia Naninha perdia a paciência com a minha obtusidade e me dava piparotes. Ficava sentado nos fundos do alpendre onde via as coisas da terra nas maravilhas da manhã. Tudo me chamava para fora, tudo se mostrava de uma sedução invencível. Passava gente pela estrada. Quando o tangerino Cabrinha aparecia de gaita no bico, na frente das boiadas, tocando aquela dolência para animar os bois a caminhar, quase que se partia o meu coração.

— Estuda, menino! — gritava a tia.

Fingia que olhava a página suja da cartilha mas os meus olhos só viam o que não estava escrito no papel. Pedira ao Henrique para me ensinar, queria mãos de homem para ver se teriam forças de enfiar pela minha cabeça as letras e os números. Não havia jeito. Era mesmo a burrice de senhorzinho Goiabão e de João Beabá. O que mais me doía ainda era saber que Eugênia andava solta, sem me ligar para nada. Chegava-se ela para meu canto para me dizer que já tinha estudado tudo aquilo. Era fácil como água. E me humilhava:

— Tem menino muito menor em Cabedelo no fim da cartilha. Ela mesma lia a frase da última página: “A preguiça é a chave da pobreza. Por que chora Francisquinho lá no fundo do quintal?” Firmina gritava:

— Sai daí, menina, deixa Dedé estudar!

Aquele suplício era pior do que o da asma. Às vezes desejava cair doente para fugir das lições. No entanto era preciso aprender a ler. A minha cabeça era de pedra. Os primos do Santo Antônio andavam no colégio de Itabaiana e já sabiam muita coisa. O meu avô não acreditava muito em doutores mas achava que era um luxo que pagava o dinheiro. Tanto assim que gastara fortuna para formar o sobrinho Gilberto. Daria um engenho para vê-lo de canudo na mão. E era com esse pensamento que ele dizia sempre: “Homem danado é aquele Jurema da Galhofa. Ali naquela gangorra e formou dois filhos.” Ainda rapaz, com esforço tremendo, formara o irmão Lourenço, que era hoje desembargador. Ele mesmo nos contava da sua aula no Pilar, onde aprendera a ler. O mestre era um negro vindo do sertão, homem de calibre, homem que não abria a boca para sorrir. A palmatória era a sua vara de condão. Fazia luz nos meninos à custa de surras e de bolos. Cada letra que Baltasar aprendeu devia ter-lhe custado uma dúzia.

A certeza da minha burrice generalizara-se na família. Aquilo me humilhava demais. Até a negra Salomé já sabia soletrar e fazer conta de diminuir. A tia Naninha desesperava-se, não se conformando com aquele meu estado, e procurava à força me arrancar daquela fama criada. Foi quando me mandaram para a aula particular de sinhá Gorda. Morava ela bem perto do velho Manuel Viana. Sinhá Gorda ensinava um pequeno número de alunos. Não seria uma velha, mas quase não podia andar de tão volumosa de carne. A irmã Maria Luísa era mesmo que um palito. Conseguiu porém sinhá Gorda, com paciência, empurrar as letras na minha cabeça. Maria Luísa ficava comigo a martelar as letras, a indicar forma dos números, a me pegar nas mãos para os garranchos. Sujava as mãos de tinta, lambuzava a roupa e aos poucos foram me chegando as palavras. Agora já sabia ligar as sílabas e escrever o abecedário. Gostava do x pela facilidade de riscar-lhe a grafia. Mas havia o L e o N que tanto me confundia com as pernas, e o M que parecia, com milhares de pernas, com um

embuá. O fato é que sinhá Gorda operara o milagre. Na sala de aula a sua pessoa enorme enchia tudo. Exalava-se dela um cheiro esquisito. Devia ser suor concentrado. Enjoava-me o bafo de café com pão que as duas mestras largavam quando voltavam lá de dentro.

Havia mais uns cinco meninos comigo. Os filhos de Zé Medeiros e outro cujo nome não consigo me lembrar. A aula de sinhá Gorda ganhar fama no Corredor. A tia Naninha dizia: “Sinhá Gorda conseguiu desasnar o José.”

[...]

A tia Naninha queria exhibir o meu adiantamento e mandava ler para os outros o título do *Diário de Pernambuco* e da *Província*. As negras da cozinha espalhavam que eu já estava lendo jornais. Passara para o primeiro livro de leitura e já sabia fazer conta de somar e de diminuir. “Já está mais adiantado que o Goiabão”, dizia Firmina. Não era tão burro assim como parecia. Tudo isto foi me dando mais confiança para o estudo. Apareciam os meus acessos de asma e os resguardos me entediavam. Teria que permanecer na cama até que a tosse perdesse a sua violência (REGO, 1997, pp.81-83).

Estavam no Corredor os filhos da tia Mercês. E nem sei por que o mais velho, Silvino, aproveitou do meu tamanho para me bater. A tia Naninha virou uma fera. Não houve velha Janoca que evitasse o desforço que tomou violetamente contra o primo. E gritou para quem quisesse ouvir:

— Não me toque no José!

Apesar de suas violências, era de coração bondoso. Dava esmolos, e quando a tia Maria lia o “*Moço loiro*” no folhetim do *Diário*, chorava. De seus olhos claros brotavam lágrimas de pena (REGO, 1997, p.94).

As questões que são temas do nosso plano de trabalho — imagens de leitura e leitores — surgem muito parecidas às descritas nos livros *Menino de engenho* e *Doidinho*.

Importante notar como o autor vivia num ambiente em que se exigia que a criança fosse alfabetizada, mas a própria família, abastada, não cultivava hábitos de leitura.

Assim, tece um panorama da sociedade que o cerca, os engenhos de açúcar da Várzea do Paraíba. O enredo se detém em causos de família e de agregados, na maioria ex-escravos, além de intrigas entre os senhores de engenhos por conta de rixas política. As brincadeiras e traquinagens de menino, inclusive descrevendo os primeiros arroubos sexuais com uma prima, além das dificuldades de aprendizagem escolar são temas caros ao autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando-se as narrativas de José Lins do Rego como representações da sociedade e do momento cultural em que o escritor viveu, conforme demonstram os trechos destacados, fica explícito que a difusão das práticas de leitura sofreu, no Nordeste brasileiro, as mesmas dificuldades que Chartier descreve ao analisar as práticas de leitura na França do Antigo Regime. Foi (ou ainda é?) um processo lento, determinado principalmente pelas condições sociais (financeiras) dos indivíduos: só iam para a escola os filhos das famílias mais abastadas, e salvo raras exceções, apenas eles tinham acesso aos livros, ainda que de forma precária e acidentada.

Com efeito, estudar essa temática torna-se cada vez mais importante, tanto no âmbito social como no acadêmico, para problematizar e discutir os valores e os problemas educacionais em curso no contexto atual, em que se atribui grande importância à leitura e à formação de leitores (BRASIL, 1997). Ao abordar questões referentes às imagens de leitura presentes em um acervo público — fundamentais para a construção de uma sociedade justa e democrática —, a pesquisa também pretende contribuir para a discussão da necessidade e melhoria das políticas públicas de popularização da leitura no Brasil.

A obra de José Lins do Rego, que se refirma e perpetua ao ser escolhida pelo Ministério da Educação para compor os acervos de bibliotecas escolares de todo o país, tem resistido, ao longo de quase um século, a diversos ataques por parte da crítica, que o acusam de ser um escritor apenas memorialista, com pouco traquejo de recursos estilísticos — ou seja, seria mais sociológica que literária. Em vida, muitas vezes o autor se defendeu, como quando afirmou em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em dezembro de 1956, que privilegiava em sua escrita a maneira de falar (contar) do povo brasileiro.

José Aderaldo Castello saiu em sua “defesa”, poucos anos após a morte do escritor (1961, p. 15):

Ora, é sabido que todo romancista é um memorialista, no sentido em que o romance é a libertação de um estado interior profundo, soma de experiências observadas e vividas. E sendo esse também o caso do romancista José Lins do Rego, é importante, para melhores esclarecimentos de sua obra, que se considere, acima de tudo, o seu processo de reconstituição vivencial das experiências pessoais da infância e da adolescência, cujo esquema, sem maiores complexidades, é o próprio roteiro da evocação espontânea, muito mais acumulativa do que surpreendentemente associativa e intensamente emotiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE*. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/home/index.html>>. Acesso em: 23/novembro/2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo, EDART, 1961. (Col. Visão do Brasil).

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/ Lisboa: Bertrand Brasil / Difel, 1990.

COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar: José Lins do Rego, vida e obra*. Rio de Janeiro, José Olympio, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1980.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 94. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

REGO, José Lins do. *Doidinho*. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.